



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

## Eixo temático: Política Social e Serviço Social

### Sub-eixo: Seguridade Social – Políticas de Saúde, Políticas de Previdência Social, Políticas de Assistência Social

#### **DETERMINAÇÃO SOCIAL DA SAÚDE: PERSPECTIVA TEÓRICA FUNDAMENTAL PARA A ANÁLISE DA PANDEMIA DE COVID 19**

**KATHLEEN ELANE LEAL VASCONCELOS<sup>1</sup>  
JÔNATAS SOUZA DE ABREU<sup>2</sup>**

#### **RESUMO**

As repercussões da pandemia de Covid continuam a desafiar o tempo presente. A Determinação Social da Saúde é uma perspectiva teórica fundamental para uma análise crítica sobre o fenômeno. Concebe-se que o surgimento, o espraiamento e as consequências da Covid 19 são socialmente determinados e possuem forte relação com as características do capitalismo predatório atual. O aprofundamento desse debate é relevante para analisar a atual “era das pandemias”.

**Palavras-chave:** Pandemia; Covid 19; Determinação Social da Saúde

#### **ABSTRACT**

The repercussions of the Covid-19 pandemic continue to challenge the present time. The Social Determination of Health framework is a fundamental theoretical perspective for a critical analysis of this phenomenon. It is posited that the emergence, spread, and consequences of Covid-19 are socially determined and strongly related to the characteristics of contemporary predatory capitalism. Expanding this debate is crucial for understanding the current "era of pandemics."

**Keywords:** Pandemic; COVID-19; Social Determination Social of Health

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual da Paraíba

<sup>2</sup> Universidade Federal de Campina Grande

## Algumas palavras iniciais

Com a emergência da pandemia de COVID 19, a humanidade vivenciou os mais duros tempos das últimas décadas (Breilh, 2020).

Muito além de um evento circunscrito a determinado período, os efeitos nefastos da pandemia se prolongam para além do medo, da dor, do adoecimento e da morte presentes do contexto pandêmico, visto que muitas de suas consequências continuam atravessando o cotidiano das pessoas e requerendo respostas em termos de políticas sociais, como, por exemplo, a realidade dos órfãos da Covid 19, as consequências da pandemia para os sistemas de saúde, as repercussões na saúde mental dos sujeitos com distintas inserções sociais, entre outros.

Além disto, consideramos que a necessidade da análise desse evento para a história não está esgotada porque a Organização Mundial de Saúde declarou, em maio de 2023 (OPAS, 2023), o fim da Covid-19 como uma emergência de saúde pública.

Ao contrário, a pandemia colocou em xeque nosso modo de existência atual e continua a nos provocar, visto que continuamos lidando com a possibilidade de emergência de outras variantes mais nocivas de Sars Cov 2 ou com o surgimento de outros vírus com potencial pandêmico. Alguns analistas alertam que vivenciamos uma “era de pandemias”. A tarefa de conhecer melhor a pandemia da Covid 19 é, portanto, atual e necessária.

Quando a doença se disseminou no planeta, seu altíssimo nível de transmissão e letalidade, o desconhecimento acerca de suas formas de transmissão e tratamento, bem como a inexistência de vacinas trouxeram para o centro da discussão as questões relacionadas seus aspectos clínicos, fisiológicos e epidemiológicos da doença.

Não obstante, é extremamente limitado pensar a COVID apenas como um evento biológico. Muito além dos dados relacionados ao vírus ou à morbimortalidade dele resultante, refletir sobre o processo pandêmico numa perspectiva crítica requer considerar que, embora causada por um vírus (relacionado, portanto, ao mundo natural), a COVID 19 é fruto de uma determinação social.

Desde o início da pandemia, ficou claro que, apesar de sua aparência “democrática” de poder atingir todas as pessoas, os impactos do vírus estão intimamente associados a desigualdades sociais e econômicas, envolvendo aspectos relacionados a questões de classe social, gênero e raça/etnia, por exemplo, que contribuíram diretamente para uma carga desproporcional da COVID-19 em populações “vulneráveis” (Xavier et al, 2022).

Contudo, partimos da concepção de que a determinação social da pandemia não se refere apenas a essa dimensão. Ao retomar as bases analíticas da Saúde Coletiva, “(...) que remetem ao sistema de produção capitalista e à mercantilização da saúde, ou seja, à determinação estrutural na produção e distribuição da doença” (Correia; Alves, 2021, p.9), consideramos que esta pandemia tem suas raízes nas configurações desse modo de produção, resultando de uma “convergência de mecanismos patogênicos e socioculturais” (Wallace, 2020b, apud Machado, 2022, p. 5).

Deste modo, defendemos a ideia de que o surgimento, o espraiamento e as consequências da pandemia são socialmente determinados e possuem forte relação com as características do capitalismo predatório atual. É sobre esta questão que o atual ensaio busca se debruçar, defendendo que a DçSS é uma perspectiva teórica fundamental para uma análise crítica sobre a COVID 19 e que o aprofundamento desse debate é fundamental para o Serviço Social, seja para uma análise retrospectiva do contexto pandêmico, seja para nos fornecer subsídios para analisar a atual “era das pandemias”.

Evidentemente, não pretendemos dar conta de todas as complexas e desafiantes questões envolvidas nesse debate, necessariamente interdisciplinar e intersetorial. Buscamos somente colocar algumas reflexões acerca do tema, sinalizando as contribuições que a perspectiva da DçSS traz para iluminar o debate.

O artigo está organizado da seguinte forma: no primeiro item, traçamos sumárias considerações sobre a DçSS. Em seguida, discorremos sobre a determinação social da pandemia, tratando inicialmente sobre o contexto que propiciou a emergência do vírus, relacionado à produção agroindustrial e à questão ambiental; adiante, refletimos sobre os caminhos “globalizados”, neoliberais e desiguais do espraiamento e enfrentamento do vírus. Por fim, traçamos algumas considerações finais.

## **1. Breves considerações sobre a Determinação Social da Saúde**

A priori, é relevante explicitar que, embora o modelo de atenção à saúde biomédico, hegemônico, parta de uma lógica que explica as endemias e epidemias a partir da dinâmica específica dos microorganismos (Campos, 2005), com base numa “história natural da doença”, a ideia da DçSS, cujas raízes remontam o século XIX, propõe uma nova abordagem do processo saúde-doença, pautado na sua



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Esse tipo de abordagem que associa o processo saúde-doença com a estrutura da vida social faz parte da história da Saúde Coletiva (SC) brasileira desde o final dos anos 1970, justamente quando se constituiu o conceito de “determinação social da saúde”. Tal abordagem retoma ideias da Medicina Social do século XIX e da Medicina Social Latino Americana.

Influenciadas pelo marxismo, tais movimentos defendem que a saúde precisa ser analisada a partir das formas de organização da vida social, com base no trabalho e na reprodução social, a partir das “determinações contraditórias e simultâneas decorrentes de necessidades do capital e do trabalho” (Teixeira, 1989, p. 18) e suas relações com as condições de vida e de saúde das populações.

Fleury-Teixeira (2009) argumenta que a ideia da Determinação Social da saúde não nega a determinação genética das condições de saúde, mas busca apreender o seu peso em face dos determinantes comportamentais e sociais.

Como argumenta Berlinguer (1987), as doenças são distintas de acordo com as épocas, as regiões e as classes sociais. Nas palavras do autor, elas são um dos espelhos mais efetivos da forma como o ser humano se relaciona com a natureza, da qual faz parte, pela via do trabalho, da técnica e da cultura, ou seja, das relações sociais (Berlinguer, 1987).

Breilh (2008) situa que as formas de produção e reprodução da sociedade capitalista geram distinções abissais nas condições (e na qualidade) de vida das classes sociais, gêneros e etnia, evidenciando diferentes perfis de saúde, doença e atenção à saúde.

Às iniquidades por classe social devem se somar as iniquidades geradas pelo patriarcado; expressas nas diversas formas de discriminação de gênero e o eurocentrismo expressado nas diversas relações coloniais de racismo que se tecem entre povos originários e/ou culturas subalternas com as culturas hegemônicas (...) (Breilh, 2008, p.40).

Para usar os termos de Souza (2020, p.188), compreende-se que “(...) a saúde é um processo que ultrapassa a mera reunião de respostas fisiopatológicas do corpo individual, estando plasmada no conjunto das relações sociais, com todas as suas contradições, conflitos, tensões e movimentos” (Souza, 2020, p.188).

O CEBES (2009) considera que a determinação social se refere às várias formas possíveis de conhecer, de modo mais concreto ou específico, estas relações entre saúde e sociedade, abrangendo a noção de causalidade, mas sem se restringir a ela. Tal perspectiva é distinta do conceito de “determinantes sociais da saúde” (DSS), muitas vezes utilizado como sinônimo de DçSS.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Embora fuja ao escopo desse artigo uma discussão aprofundada sobre o tema, gostaríamos de evidenciar as distinções entre as referidas abordagens. Ambas consideram os aspectos sociais na definição do processo saúde-doença, reconhecendo que a desigualdade social tem influência decisiva nos padrões de morbimortalidade da população (Vasconcelos; Schmaller, 2013). Contudo, analisamos que a perspectiva dos DSS não possui a amplitude do alcance analítico da DçSS, visto se apoia no modelo da epidemiologia tradicional, no qual os DSS aparecem unicamente na qualidade de fatores causais de morbidade e mortalidade (Tambellini; Schutz, 2009; Cebes, [s/d]), sendo reduzidos a fatores, terminando por colocar todos os determinantes no mesmo patamar, não apreendendo a determinação social do modo capitalista de produção. No debate sobre os DSS,

Resumidamente, pode-se apontar que a falta de explicitação conceitual sobre o termo 'determinação', seu significado, forma e limitações permite que os vários elementos – categorias – que compõem as condições determinantes – condicionantes dos efeitos observados – sejam colocados simplesmente como fatores e/ou situações sociais que os precedem. Esta falta de precisão conceitual, aliada a uma teorização frouxa sobre a relação saúde-sociedade, não permite o entendimento dos mecanismos e, principalmente, dos múltiplos processos socioeconômicos, ecológicos, biológicos, psicológicos e culturais que se articulam na constituição do objeto saúde, o que leva à exclusão das dimensões políticas, históricas e espaço-territoriais desta proposição científica” (Tambellini, Schutz, 2009, p.377).

Após essas breves considerações sobre os DSS, voltemos à análise da Covid 19: consideramos que o novo coronavírus escancarou a necessidade de um olhar ampliado sobre a saúde. Por ocasião da emergência da pandemia, vários analistas (especialmente as/os marxistas), buscaram apreender as conexões entre a Covid 19 e a fase atual do capitalismo, como podemos verificar em Harvey (2020) e Davis (2020a), como veremos a seguir.

## **2. A determinação social da pandemia de COVID 19**

Conforme sinalizando, não temos a pretensão de esgotar o tema, mas de traçar algumas reflexões que consideramos ser importantes para melhor apreendermos o contexto pandêmico.

### **2.1. A emergência do vírus, a produção agroindustrial e a questão ambiental**

Inicialmente, é preciso termos clareza de que, apesar de ter pegado a maioria das pessoas de forma inesperada, a Sars Cov 2 não foi um “asteroide biológico” (Davis, 2020a), vingança da natureza, desastre natural ou evento fortuito que cedo ou tarde teríamos que vivenciar (Mantovani, 2020).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Houve vários indícios de que algo grave estava por surgir, embora medidas preventivas não tenham sido tomadas. Desde o final do século XX, novas cepas de patógenos (o Ebola, o Sars, o Mers-Cov, a peste suína africana, a febre aftosa, a salmonela, a Influenza A e suas novas variantes, etc.) emergiram como ameaças aos humanos (Wallace, 2020).

Davis (2020b) menciona que, há cerca de 17 anos, já alertava que “um monstro batia à nossa porta”, por conta dos riscos das mutações do vírus H5N3 (associado ao agrocapitalismo) e da possibilidade de uma pandemia. A própria OMS havia sido alertada, cerca de 2 anos antes, da possibilidade de emergência de uma pandemia associada à “doença X”.

Desta forma, constatamos que, mesmo que novo o vírus tenha sido o elemento biológico desencadeador da pandemia, “(...) no es menos cierto que sus procesos de transformación genómica, transmisión y virulencia no se dan en el vacío, sino que son socialmente determinados” (Breilh, 2020, p.13). Vejamos.

Quanto à transformação genômica, Wallace (2020) afirma que não é por acaso que a emergência de novos vírus, incluindo o Sars Cov 2, venha ocorrendo no coração das operações da agropecuária industrial<sup>3</sup>, em sua interface com sistemas ecológicos locais e regionais (Silva, 2020).

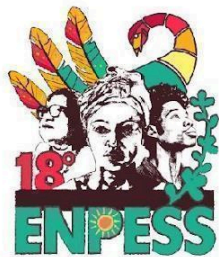
De acordo com Wallace (2020), a lógica da agricultura corporativa e seu consequente desmatamento faz com que alguns patógenos, que habitavam as florestas e estavam isolados no interior de tais biomas, sejam liberados para evoluir em novas populações (Wallace, 2022).

O cenário resultante da conversão da agrobiodiversidade regional em gigantescas monoculturas de gado e aves é terreno fértil para proliferação de patógenos com maior letalidade. Deste modo, “à escala global, a desflorestação é a marretada que derruba os muros entre a natureza selvagem e as suas enormes reservas de vírus, por um lado, e as cidades humanas superpovoadas, por outro” (Davis, 2020c, s.p.).

Portanto, na análise de Silva (2020) e Wallace (2020), o surgimento de novos vírus está associado à forma como o capitalismo atual organiza suas atividades produtivas<sup>4</sup>, através da

<sup>3</sup> “Para além dos prejuízos materiais e fiscais associados ao declínio do valor nutricional, à redução da diversidade animal e ambiental, aos riscos laborais, à poluição, às perdas na autonomia do agricultor e ao controle comunitário da produção, a ameaça da pandemia é repetidamente ignorada, tanto pelo Estado quanto pelo mercado. A produção cotidiana representa uma perigosa e lucrativa estratégia que se alimenta dos nossos bens comuns compartilhados” (Wallace, 2020, p. 535).

<sup>4</sup> No momento da elaboração desse artigo, embora a ideia mais aceita seja de que a origem do Sars Cov 2 foi resultante de um “salto” de animais silvestres para humanos, a compreensão de que a pandemia resultou de “incidente” em laboratório na China ganhou espaço após declarações do chefe do FBI (Matza; Yong, 2023). Se essa for a origem do vírus, também vincula a Covid 19 à geopolítica mundial.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

expansão do agronegócio e do uso da terra enquanto ativo financeiro; da produção agropecuária em grande escala; da expropriação dos povos do campo (Fontes, 2020). Mantovani (2020) acrescenta o comércio de animais selvagens e exóticos (como na China), a manipulação genética, a disseminação do turismo depredador, os abusos do consumo de antibióticos, etc.

Nesta linha analítica, Silva (2020, p.20) indica que a forma de produção capitalista de alimentos tem se mostrado insustentável (também) em termos sanitários, visto que doenças globais têm sido geradas em fábricas, laboratórios de melhoramento genético e campos de cultivo .

Em virtude de tais processos de degradação ambiental<sup>5</sup>, alguns autores alertam que estamos inaugurando uma “era de pandemias”. Na mesma direção, Wallace (2022) destaca que ingressamos no quarto ano da pandemia, em parte, porque os capitalistas globais optaram por retornar ao processo de expropriação de terras e mão de obras que suscitou o Sars Cov 2, em lugar de desenvolver medidas efetivas para barrar o vírus.

Portanto, longe de ser um fenômeno meramente biológico, a pandemia de Covid 19 se inscreve no processo histórico do capitalismo contemporâneo (Mantovani, 2020), estando associada ao

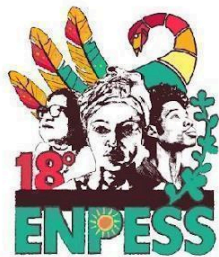
(...) avance neoliberal de mercantilización de la vida y ocupación de nuevas fronteras ecosistémicas de las últimas décadas [...] Factores como estos se potenciaron con una forma transnacional de transmisión, posible por la expansión de las interconexiones de la movilidad humana y de mercancías, el extraordinario crecimiento de las ciudades, la precarización de los sistemas de salud pública, entre otros (Mantovani, 2020, [s.p.]).

De todo modo, Wallace (2020) chama a atenção de que, diante de um mundo sem fronteiras, “globalizado”, um “transbordamento” genético, que antes poderia se configurar como um fenômeno local, agora se torna rapidamente uma epidemia, capaz de alcançar redes globais de viagens e comércio (Wallace, 2020, p. 529), como veremos no próximo item.

## **2.2. Os caminhos “globalizados”, neoliberais e desiguais do espriamento e enfrentamento do vírus**

---

<sup>5</sup> Ainda ligado à questão ambiental, outro elemento que demanda atenção é o papel das mudanças climáticas no surgimento de novos patógenos, por conta da elevação da temperatura média global. “Encontros entre humanos e vírus provenientes de reservatórios animais estão aumentando, graças, entre outros motivos, ao aquecimento global. Estudo publicado na revista Nature em abril de 2022, por Colin Carlson e Gregory Albery, traz os resultados de uma simulação de territórios habitados por 3.100 espécies de mamíferos no passado, presente e futuro, e como mudanças decorrentes da alteração climática podem aumentar a probabilidade de uma sobreposição com territórios de outros mamíferos, inclusive humanos. Ou seja, quanto mais o clima muda, mais as espécies migram, e maior a chance de levarem seus vírus até a morada de outras espécies” (Pasternak, 2022, [s.p.]).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Ao adotar a perspectiva da DçSS, percebemos que a disseminação da Covid 19 por todo o globo ocorreu não apenas em virtude do poder de ampla transmissibilidade do vírus, mas se deu pelas trilhas dos comércios internacionais e nacionais. Assim, a rápida difusão da Covid está associada à nova dinâmica espaço-temporal resultante da mundialização do capital e sua reconfiguração das fronteiras geopolíticas e da dinâmica da acumulação flexível (Souza, 2020).

Em tal contexto, Harvey (2020) chama a atenção para a inexistência de uma rede internacional de saúde pública<sup>6</sup>, o que facilitou a disseminação do vírus e deixou o enfrentamento do mesmo sob a responsabilidade de cada país, sendo que o contágio não respeita fronteiras geográficas.

Davis (2020a) menciona que, apesar das doenças causadas pelos novos patógenos (mencionados anteriormente) terem vindo à tona desde os anos 1980, as grandes corporações farmacêuticas não têm priorizado o investimento em pesquisa e no desenvolvimento de novos antibióticos e antivirais, visto a orientação de tais empresas por um ávido mercado lucrativo.

O referido autor mostra que, se, na época do surgimento da pandemia, essa realidade fosse diferente, poderíamos ter chegado a imunizantes e medicamentos para tratamento da Covid mais cedo. Ou seja, os dados epidemiológicos relacionados ao Sars Cov 2 poderiam ser outros, não fossem os interesses da lucratividade da *Big Pharma*.

Outro exemplo dessa determinação social da pandemia relacionada aos interesses das corporações farmacêuticas diz respeito à imunização: embora tenhamos desenvolvido a vacina contra a Covid em tempo recorde, o que é/foi uma importantíssima conquista para a humanidade, nos deparamos com uma desigualdade profunda em termos do acesso a ela.

Deste modo, apesar da emergência em saúde pública e dos milhões de mortes em todo o mundo, não houve quebra de patente dos imunizantes, expressando a priorização dos lucros de tais empresas.

Na verdade, configurou-se o que Tedros Adhanom (diretor-geral da OMS) denominou de “apartheid vacinal” (Bermudez; Bermudez, 2021), para evidenciar a acentuada discrepância na disponibilidade de imunizantes e na cobertura vacinal entre países com indicadores socioeconômicos mais elevados e mais baixos (Boing et al, 2023), que persiste até hoje. Verifica-se que essa desigualdade tem contribuído para o surgimento de novas variantes e para a persistência da Covid 19 e, portanto, para os indicadores de morbimortalidade.

---

<sup>6</sup> Tal inexistência decorre, segundo Harvey (2020), do poder das grandes corporações farmacêuticas e de um modelo de atenção à saúde organizado em função da lucratividade.





Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Por conta do desconhecimento inicial, da ampla disseminação e da alta letalidade do novo coronavírus, o enfrentamento da pandemia requeria algumas frentes: era necessária a indissociabilidade entre as medidas de restrição à população (reguladas pela Saúde) e as medidas de proteção social, pelo tempo necessário (Lopes; Rizzotti, 2020); além, claro, acrescentamos, do incentivo à pesquisa científica para a produção de imunizantes e de medicamentos para tratamento das doenças.

Neste contexto, os países e regiões traçaram distintas estratégias para o combate ao vírus. A adoção de tais medidas, bem como amplitude delas, distantes de serem apenas “técnicas”, foram determinadas pelas políticas socioeconômicas e sanitárias e pelas configurações dos sistemas nacionais/locais de proteção social, além das posturas políticas dos governantes locais, próximos ou distantes do negacionismo ou da equivocada ideia de “imunidade de rebanho”<sup>7</sup>.

Os dados de morbimortalidade dos territórios estão, portanto, intimamente relacionados às medidas adotadas pelos diversos governos no sentido de evitar solapar os serviços de saúde diante da Covid, bem como à forma de organização prévia dos sistemas sanitários locais.

Em muitos países e regiões, especialmente os periféricos, tais sistemas eram ou vinham sendo fragilizados, em virtude de características sócio-históricas e das repercussões das políticas neoliberais (Harvey, 2020; Davis, 2020, Wallace, 2020; Santos et al, 2023), que diminuíram gastos públicos e incrementaram a participação do setor privado nos serviços de saúde, o que trouxe consequências para a forma como os países responderam à emergência sanitária<sup>8</sup>.

Essas distinções no enfrentamento da pandemia foram muito sentidas também a partir da posição que os países ocupam na geopolítica mundial: Leal e Castro (2021), ainda que se referindo ao Brasil, mas num argumento que pode ser ampliado para os países periféricos,

---

<sup>7</sup> “A imunidade de rebanho acontece quando uma população se torna imune ao contágio de um vírus, depois que boa parte das pessoas que foram contaminadas desenvolve anticorpos para a doença. [...] De acordo com Marco Lobato, 49, professor do Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Federal de Santa Maria o conceito da imunidade de rebanho vem de uma definição o campo da Medicina Veterinária, de uma visão de que alguns indivíduos dentro de um rebanho podem ser descartáveis. “Do ponto de vista humano, não é um conceito muito interessante, exceto quando a gente vai trabalhar com imunizações induzidas. Para gerar essa imunidade naturalmente, expondo pessoas ao vírus, não é eticamente adequado. É preciso ter muito cuidado. Os locais onde isso é aplicado estão esquecendo do conceito de que toda vida deve ser preservada”, salienta o médico”.

<sup>8</sup> Isso pode se verificar inclusive nos países centrais, como lembra Harvey (2020). Na América do Norte e do Sul e na Europa, apesar dos alertas advindos do SARS e do Ebola, os sistemas de proteção social “(...) tinham sido privados de financiamento graças a uma política de austeridade projetada para financiar cortes de impostos e subsídios para as empresas e os ricos” (Harvey, 2020, [s.p.]). Tal quadro, claramente trouxe repercussões para a morbimortalidade pela Covid.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

afirmam que as “fraturas sociais” se intensificaram, e se articularam, dialeticamente, ao passado da formação sócio-histórica (Leal; Castro, 2021).

Atentemos para os países da América Latina que, embora com características sociodemográficas e econômicas diferenciadas, se caracterizam por expressiva pobreza e desigualdade. “A pandemia de covid-19 agravou essa situação, tendo a pobreza e a extrema pobreza alcançado, em 2020, respectivamente, 33% e 13,1% da população da região, com elevação da média do índice de Gini regional em 0,7 entre 2019 e 2020” (Santos et al, 2023, p.2).

Segundo estes autores, embora contenha somente 8,1% da população mundial, em dezembro de 2021, a região detinha 16,3% dos casos de COVID 19 e registrava 28,4% de óbitos pela doença no mundo (p.2). Esta grande morbimortalidade está associada às desigualdades socioeconômicas dos países da região, assim como aos poucos investimentos em saúde, sendo que ambos influenciaram no acesso aos testes e imunizantes, por exemplo.

Os autores acrescentam que, em alguns países dessa região, as capacidades de resposta à Covid foram ainda mais parcas em virtude de conjunturas políticas adversas, marcadas por ações negacionistas e pela divulgação de fake news, como no Brasil.

Cumprir situar que, também no interior dos países e regiões, as desigualdades se reproduziram e as consequências da pandemia foram (e seguem sendo) mais intensas para os segmentos populacionais socialmente desprotegidos.

Aqui cabe resgatar que, conforme indicamos, apesar de poder afetar a todas as pessoas indiscriminadamente, não fazendo distinção social para infectar, “o impacto econômico e demográfico da disseminação do vírus depende de fissuras e vulnerabilidades preexistentes no modelo econômico hegemônico” (Harvey, 2020, p. 16).

Deste modo, a abissal desigualdade social vinculada ao rentismo; os impactos da reestruturação produtiva para a classe trabalhadora, em termos da “flexibilização” do trabalho e dos direitos; o neoliberalismo e as várias contrarreformas das políticas sociais (que, inclusive, contribuíram para o desmonte e/ou precarização dos sistemas públicos de saúde e de assistência social, fundamentais para o enfrentamento da pandemia); o racismo; o etarismo; o machismo; o capacitismo, entre outros, foram aspectos que potencializaram o contágio e/ou comprometeram a possibilidade de prevenção e tratamento da Covid 19.

É imprescindível pontuarmos ainda que, entrelaçando-se com as várias questões anteriormente elencadas, num contexto mundial de polarização política e disseminação de uma



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

onda neoconservadora, que aglutina preconceitos, fake news e negacionismo, tanto a imunização quanto as outras formas de enfrentamento da Covid 19 são/foram impregnadas por tais convicções<sup>9</sup>, o que também trouxe repercussões para os dados de morbimortalidade pela doença, expressando, mais uma vez, a sua determinação social.

A realidade brasileira traduziu expressamente esse quadro. Sob a regência de Jair Bolsonaro, comprometido com um projeto neoconservador e ultraneoliberal, o governo federal não teve interesse em desenvolver uma resposta nacional coordenada e efetiva para enfrentamento da COVID; ao contrário, efetivou uma verdadeira “propagação institucional do vírus” (Reis, Ventura, Aith, 2022).

Isto aconteceu através de várias ações ou omissões: uma falsa polarização entre saúde e economia; o incentivo à quebra do pacto federativo, em virtude do governo federal não assumir o papel de coordenação da gestão; rejeição do uso de medidas não-farmacológicas de contenção do vírus; defesa do “tratamento precoce” (com propaganda de medicamentos ineficazes contra a Covid 19); atraso na implementação de uma campanha de vacinação; desenvolvimento de uma verdadeira cruzada de negação científica e desinformação, apoiada pelas associações médicas brasileiras de direita, o que “(...) amplificou a gravidade do COVID-19, principalmente entre a população idosa (Xavier, R et al. 2022).

Apesar de ter um Sistema Único de Saúde (SUS) que, não obstante seu histórico subfinanciamento, poderia ter sido um indispensável instrumento para gestão e superação da pandemia (Reis, Ventura, Aith, 2022), a junção dos elementos acima mencionados, que dizem respeito não apenas a ações no âmbito da saúde, mas nas várias políticas sociais necessárias ao enfrentamento da pandemia, colocou o Brasil nas primeiras posições do ranking mundial de mortes por COVID 19.

Deste modo, embora possua cerca de 2,7% da população mundial, o país ocupa a segunda posição no número de óbitos (atrás apenas dos EUA), com 11,55% (Xavier et al. 2022), perfazendo um total de 712.889 mortes por Covid 19 em 16/08/2024, segundo dados do Painel Coronavírus<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Castilho et al (2023) situam que têm crescido as pesquisas voltadas para a influência de questões políticas no desempenho de localidades no tocante à pandemia, buscando apreender a relação entre o discurso e a ação dos governantes, a identidade política e o comportamento das pessoas frente às medidas de mitigação. Os autores demonstram, por exemplo, que, nos EUA, no contexto da emergência da pandemia, marcado pela polarização política, o interesse pela pandemia e o respeito às restrições foram menores nos locais onde Trump ganhou a eleição de 2016 (Castilho et al, 2023).

<sup>10</sup> Disponível em <https://covid.saude.gov.br/> . Acesso em 10/08/2023.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Tais dados, distantes de serem decorrentes da transmissibilidade do vírus ou de nossa histórica desigualdade social, estão também intrinsecamente relacionados à forma de gestão da emergência em saúde por parte do governo federal, bem como à sua posição política.

Nesta perspectiva, por exemplo, Xavier et al (2020) constataram que, enquanto as desigualdades de renda e infraestrutura em saúde trouxeram mais implicações para a dinâmica da primeira onda de COVID-19 no Brasil, a segunda teve forte configuração a partir da escolha partidária dos municípios, sendo que aqueles que escolheram Bolsonaro como presidente do país demonstraram intensificação das taxas de mortalidade por COVID-19 na última onda.

Tal configuração, portanto, não é decorrente das características biológicas do novo coronavírus, explicitando claramente a determinação social da pandemia nas particularidades da realidade brasileira sob o governo Bolsonaro.

### **Considerações finais**

A perspectiva da Determinação Social da Saúde (DçSS) constitui um recurso analítico extremamente necessário para refletir não apenas a Covid 19, mas a provável “era das pandemias” na qual estamos imersos.

Consideramos que a última pandemia “encarnou”, de maneira cruel, o quanto o processo saúde-doença é produzido socialmente. Seu surgimento, espraiamento, repercussões, inclusive em termos de morbimortalidade, estão estreitamente vinculados com a marcha degradante e assoladora do capital em relação à vida e aos limites da Terra, especialmente no tocante à indústria de produção industrial de alimentos.

Também está associada à “flexibilização” do trabalho e dos direitos trabalhistas; à corrosão neoliberal das políticas de proteção social (especialmente as de saúde e assistência e social); ao crescimento desordenado das metrópoles e as desigualdades estruturais nelas existentes (mas também nos pequenos e médios municípios), em termos de saneamento básico, habitação, acesso a serviços de saúde, educação, segurança alimentar.

Enfim, as configurações da morbimortalidade e demais consequências da Covid estão conectadas com históricas desigualdades sociais e regionais que se perpetuam em nossos tempos, tanto nas relações entre os países, quando no interior destes.

Estão concatenadas também com as persistentes desigualdades de classe, gênero e raça/etnia. Foram (e seguem sendo) os países periféricos e os segmentos populacionais mais desprotegidos socialmente os que sentiram de maneira mais intensa as consequências da pandemia, em termos de morbimortalidade, mas também em termos econômicos e sociais.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Apesar do “novo normal” pós-pandêmico, continuamos lidando com possibilidades de emergência de outras variantes graves de Sars Cov 2 ou de outros vírus mais nocivos: como estamos organizados para lidar com essa “era de pandemias”?

De acordo com Machado (2022), a resposta a essa questão, na trilha do que pondera Wallace (2020), passa pela desnaturalização do capitalismo neoliberal, pela transformação radical do modelo de produção agroalimentar.

Seria necessário, portanto, o enfrentamento da mercantilização da natureza e o combate ao agronegócio. Uma das propostas dos autores defende que, “no seu lugar deve ser construído “um eco-socialismo que supere a fissura metabólica entre ecologia e economia, e entre urbanidade, ruralidade e ambiente selvagem, impedindo desde logo o surgimento dos piores destes patógenos” (Wallace, 2020a, p. 28).” (Machado, 2022, p.6).

Outras propostas/alternativas precisam elaboradas/construídas. Todas, contudo, apontam na mesma direção: como já denunciava Berlinguer (1987), o capitalismo é patogênico. Apenas a construção de outra forma de sociabilidade pode efetivamente produzir saúde. Essa é a grande tarefa histórica de nosso tempo.

## Referências

BERLINGUER, G. O capital como fator patógeno. **Medicina e política**. 3 ed. SP: Hucitec, 1987.

BERMUDEZ; BERMUDEZ. **Covid-19: o mundo em um ‘apartheid de vacinas’**. 10 ago 2023.

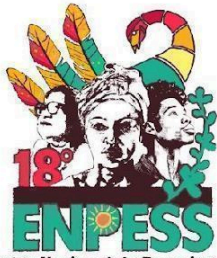
<https://naf.ensp.fiocruz.br/pt-br/covid-19-o-mundo-em-um-apartheid-de-vacinas-por-luana-bermudez-e-jorge-bermudez>. Acesso em 29/08/2024.

*Publicada em 10 de agosto de 2021. Fonte: CEE Fiocruz*

BOING, Antonio Fernando et al. Subramanian, Uncovering inequities in Covid-19 vaccine coverage for adults and elderly in Brazil: A multilevel study of 2021–2022 data, **Vaccine**, Volume 41, Issue 26, 2023, Pages 3937-3945, ISSN 0264-410X, <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0264410X23005698>. Acesso em 19/08/2024.

BREILH, J. "COVID-19: determinación social de la catástrofe, el eterno presente de las políticas y la oportunidad de repensarnos". **Andina**. 2 (II Semestre 2020): 8-14. Disponível em <https://repositorio.uasb.edu.ec/bitstream/10644/7396/1/03-EN-Breilh.pdf>. Acesso em 10/08/2023.

BREILH, J. Uma perspectiva emancipadora da pesquisa e da ação baseadas na Determinação Social da Saúde. “**Taller Latinoamericano de Determinantes Sociales de la Salud**”, de 30 de setembro a 2 de outubro de 2008, na Universidade Autônoma do México, Cidade do México.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Disponível

em

<https://livrozilla.com/doc/1664111/uma-perspectiva-emancipadora-da-pesquisa-e-da-a%C3%A7%C3%A3o-baseadas>. Acesso em 19/08/2024.

CAMPOS, G. W. S.; Prefácio. In: CARVALHO, S. R. **Saúde Coletiva e promoção da saúde: sujeito e mudança**. São Paulo: Hucitec; Washington (DC):OPAS, 2005

CEBES (Centro Brasileiro de Estudos em Saúde). **Proposições sobre Determinantes Sociais elaboradas pela diretoria do CEBES para o 1º Simpósio de Políticas e Saúde**. 2009. (UFF).

Disponível em: <[www.cebes.org.br/.../DETERMINANTES%20SOCIAIS\\_ok.pdf](http://www.cebes.org.br/.../DETERMINANTES%20SOCIAIS_ok.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2010.

CORREIA, Maria Valéria Costa. ALVES, Pâmela Karoline Lins. Pandemia, desigualdade social, determinação social do processo saúde e doença: quem são os mais atingidos? In: LIMA, Aruã Silva de. CORREIA, Maria Valéria Costa (orgs.). **Determinação Social da saúde e**

**enfrentamento da covid-19: o lucro acima da vida**. Maceió, AL: EDUFAL, 2021. Disponível em:

<https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/8899?mode=full>. Acesso em 17/08/2024.

DAVIS, M. **A peste do capitalismo: coronavírus e a luta de classes (Pandemia Capital)**. EBook. Campinas: Boitempo Editorial; 1ª edição (18 agosto 2020a).

DAVIS, Mike. **O coronavírus e a luta de classes: o monstro bate à nossa porta**. 2020b.

Disponível

em:

<https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/16/mike-davis-o-coronavirus-e-a-luta-de-classes-o-monstro-o-bate-a-nossa-porta/#prettyPhoto>. Acesso em 17/08/2024.

DAVIS, Mike. **O monstro já cá está**. Entrevista. 02 de setembro 2020c. Disponível em:

<https://www.esquerda.net/artigo/mike-davis-o-monstro-ja-ca-esta/69971>. Acesso em 17/08/2024.

FLEURY-TEIXEIRA, P. Uma introdução conceitual à determinação social da saúde. **Saúde em Debate**. Rio de Janeiro: v.33, n.83, set-dez.2009.

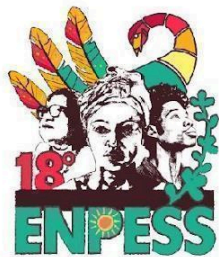
FONTES, Virgínia. Prefácio na tragédia da pandemia. BRAVO, M.I.S.; MATOS, M.C.; FREIRE, S.M.F. (Org.). **Políticas sociais e ultraneoliberalismo**. Uberlândia: Navegando Publicações, 2020.

<https://www.editoranavegando.com/livro-pol%C3%ADticas-sociais-e-ultraneol>. Acesso em 17/08/2021.

HARVEY, David. **Política anticapitalista em tempos de coronavírus**. Blog da Boitempo.

Disponível em [Blog da Boitempo](https://blogdaboitempo.com.br). Acesso em 10/09/2020.

LEAL, L.M.; CASTRO, M.M.C. Determinação social da saúde e Covid-19: fundamentos para o trabalho do assistente social na crise sanitária. **Emancipação**, Ponta Grossa - PR, Brasil., v. 21, p.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

1–14, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/emancipacao/article/view/18178>. Acesso em: 16 ago. 2023.

LOPES, Márcia Helena Carvalho; RIZZOTTI, Maria Luiza Amaral. Covid19 e Proteção Social: a contribuição do Sistema Único de Assistência Social – SUAS. CASTRO, Daniel; SENO, D.D.; POCHMANN, M.. **O capitalismo e a Covid-19: um debate urgente**. São Paulo: 2020. Disponível em: <https://abet-trabalho.org.br/wp-content/uploads/2020/05/LIVRO.CapitalismoxCovid19.pdf>. acesso em 19/08/2024.

MACHADO, Nuno Miguel Cardoso. Rob Wallace acerca das raízes sociais da pandemia de Covid-19. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 32(3), e320321, 2022. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/physis/2022.v32n3/e320321/pt>. Acesso em 17/08/2024.

MANTOVANI, E. T. El **Coronavirus más allá del Coronavirus**: umbrales, biopolítica y emergências. Publicado em 19 de mar. de 2020. Disponível em <https://censat.org/el-coronavirus-mas-alla-del-coronavirus-umbrales-biopolitica-y-emergencias/>. Acesso em 24 de abr. de 2020.

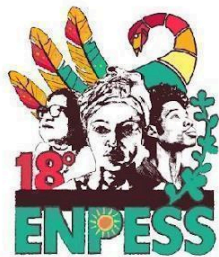
MATZA, Max; YONG, Nicholas. Chefe do FBI diz que vírus da covid 'provavelmente' escapou de laboratório chinês. **BBC News**, 1 março 2023. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c1wj2y1w8wjo>. Acesso em 24 de agosto de 2024.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE (OPAS). **OMS declara fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional referente à COVID-19**. 2023. Disponível em: <https://encurtador.com.br/y8J8l>. Acesso em 29/08/2024.

PASTERNAK, Natalia. **Pandemiceno**: a era dos vírus. **O Globo**. 23/05/2022. Disponível em <https://oglobo.globo.com/blogs/a-hora-da-ciencia/post/2022/05/pandemiceno-era-dos-virus.ghtml>. Acesso em 19/08/2024.

REIS, R. R.; VENTURA, D.; AITH, Fernando. Assédio institucional na saúde: o impacto da política de disseminação da Covid-19. In: CARDOSO JUNIOR, J. C. et al. **Assédio institucional no Brasil** [livro eletrônico]: avanço do autoritarismo e desconstrução do Estado. Associação dos Funcionários do Ipea: EDUEPB, 2022. Disponível em <https://afipeasindical.org.br/content/uploads/2022/05/Assedio-Institucional-no-Brasil-Afipea-Edupb.pdf>. Acesso em 15/08/2023.

SANTOS I.D.M. et al. Covid-19 na América Latina: desigualdades e capacidades de resposta dos sistemas de saúde a emergências sanitárias. **Rev Panam Salud Publica**. 2023;47:e88. Disponível em <https://iris.paho.org/handle/10665.2/57665>. Acesso em 10/06/2023.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

SILVA, A.R.C. Um livro virulento (Prefácio). WALLACE, Rob. **Pandemia e agronegócio**: doenças infecciosas, capitalismo e ciência. Tradução Allan Rodrigo de Campos Silva. São Paulo: Elefante, 2020.

SOUZA, D. O. O caráter ontológico da determinação social da saúde. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 137, p. 174-191, jan./abr. 2020.  
<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/sgbDYT48WL6CBnmVVcTRvpR/>. Acesso em 17/06/2023.

TAMBELLINI, A.T; SCHUTZ, G.E. Contribuição para o debate do CEBES sobre a Determinação Social da Saúde: repensando processos sociais, determinações e determinantes da saúde. **Saúde em Debate**. Rio de Janeiro, v.33, n.83, set-dez. 2009.

TEIXEIRA, S. F. Reflexões teóricas sobre democracia e Reforma Sanitária. In: \_\_\_. (org.). Reforma Sanitária: em busca de uma teoria. São Paulo: Cortez; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1989.

VASCONCELOS, K. E. L; SCHMALLER, Valdilene V. (Nova) Promoção da Saúde: configurações do debate no Serviço Social. **Emancipação**. Ponta Grossa, 14(1): 129-146, 2014. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao>>. Acesso em 19/08/2024.

WALLACE, Rob. Sistemas globalizados de produção de alimentos, desigualdade estrutural e Covid 19. In.: **Pandemia e agronegócio**: doenças infecciosas, capitalismo e ciência. Tradução Allan Rodrigo de Campos Silva. São Paulo: Elefante, 2020.

XAVIER, R et al. Involvement of political and socio-economic factors in the spatial and temporal dynamics of COVID-19 outcomes in Brazil: A population-based study. **The Lancet**. Vol 10 Month June, 2022. Disponível em [https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X\(22\)00038-2/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lanam/article/PIIS2667-193X(22)00038-2/fulltext). Acesso em 01/08/2023.